



Centro Hospitalar do Porto é o que mais gasta em investigação

Com 8,1 milhões de euros de investimento, ocupa o primeiro lugar de uma lista com 20 unidades de todo o país



Marisa Santos, Luísa Lobato e Paula Jorge são investigadoras do Centro Hospitalar do Porto

Inês Schreck
ines@jn.pt

SAÚDE O Centro Hospitalar do Porto (CHP) é a instituição hospitalar do país que mais gasta em investigação e desenvolvimento. Em 2016, a estrutura que integra os hospitais de Santo António e Joaquim Urbano e o Centro Materno-Infantil do Norte gastou 8,17 milhões de euros em investigação, mais 2,6 milhões de euros do que o Centro Hospitalar Lisboa Central (CHLC) que surge em segundo lugar numa lista de 20 hospitais.

Os resultados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência – a fonte de estatística oficial relativa a atividades de investigação e desenvolvimento (I&D) em Portugal – têm por base o inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional 2016.

Com uma despesa ligeiramente menor do que em 2015 (8,2 milhões), o CHP subiu ao primeiro lugar, destronando o CHLC que li-

derava desde 2014. Este último (que integra os hospitais de S. José, dos Capuchos, Curry Cabral, Dona Estefânia e a Maternidade Alfredo da Costa) gastou em 2016 menos 3,2 milhões de euros em investigação face ao ano anterior.

S. JOÃO EM SEXTO LUGAR

Em terceiro lugar das instituições com mais despesa intramuros em atividades de I&D surge o Instituto Português de Oncologia (IPO) de Lisboa, seguido do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e do Centro Hospitalar Lisboa Norte. O Centro Hospitalar de S. João ocupa o sexto lugar (2,6 milhões de euros). Entre o sétimo e o décimo classificados figuram o Grupo José de Mello Saúde, IPO do Porto, Centro Hospitalar Lisboa Ocidental e Hospital de Guimarães, respetivamente. O número de investigadores no CHP (75,5 equivalentes a tempo integral) é também significativamente superior ao do CHLC (59,4).

O Centro Hospitalar do Porto surge também no primeiro lugar da tabela das instituições com mais despesa em investigação na área da medicina clínica (5,95 milhões de euros). Na área da medicina básica, o lugar cimeiro pertence ao IPO do Porto (1,3 milhões de euros).

“A investigação eleva os padrões assistenciais, me-

lhora os serviços e incita à boa prática clínica”, assegura Luísa Lobato, diretora do Departamento de Ensino, Formação e Investigação (DEFI) do CHP.

A responsável não tem dúvidas de que a criação do DEFI foi fundamental para “organizar e estruturar a investigação” e ajudar a encontrar financiamento para os projetos.

A maior parte das verbas vem do exterior – indústria farmacêutica, agências de inovação, Fundação para a Ciência e a Tecnologia –, mas o CHP tem um fundo específico que permite financiar internamente, todos os anos, dois projetos de investigação e dois projetos de doutoramento e, desde este ano, ensaios clínicos de iniciativa académica.

A par dos ensaios clínicos que decorrem na instituição, o CHP conta com 20 equipas com linhas de investigação próprias, algumas das quais com ligação ao Instituto de Ciências Abel Salazar (ICBAS), indicou Luísa Lobato. ●



Eurico Castro Alves
Centro Académico Clínico

“A criação do Centro Académico Clínico aprofunda a ligação do hospital-universidade e permite-nos concorrer a fundos que até aqui nos estavam vedados”



Explicar as causas do défice cognitivo

A grande maioria dos défices cognitivos continuam sem uma causa que os justifique. A forma mais frequente deste atraso no desenvolvimento intelectual (detetado normalmente em idade escolar) dá pelo nome de síndrome do X frágil. O Centro Hospitalar do Porto tem em curso um projeto de doutoramento que pretende encontrar, nas amostras guardadas e em comparação com doentes estrangeiros, novos genes que justifiquem o aparecimento deste défice cognitivo, explicou a investigadora Paula Jorge.

Prever resultado de tratamento oncológico

A equipa da investigadora Marisa Santos está a tentar identificar biomarcadores no doente com cancro do reto localmente avançado para prever se o doente vai ter boa ou menos boa resposta à terapêutica antes da cirurgia. Estes tratamentos aumentam a sobrevivência. Se for possível prever o resultado, podemos “alterar para algo mais eficaz”, explicou a médica e coordenadora do Centro de Referência do CHP para Cancro do Reto.



ensaios clínicos

decorreram em 2017 no Centro Hospitalar do Porto. Em média é selecionado um doente por dia para este tipo de tratamento. A maioria dos ensaios é paga pelas farmacêuticas, mas o CHP também tem ensaios próprios, em áreas em que a indústria não aposta.